

Prehistory. GOSDEN, Chris. Oxford, Oxford University Press, 2003.

Resenhado por Pedro Paulo A. Funari

Departamento de História, IFCH/Unicamp, Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp)

Chris Gosden é um pré-historiador atuante tanto na Europa, como no Pacífico, com obras clássicas como *Social being and time* - "O ser social e o tempo", publicado em 1994. Aceitou o desafio de fazer um balanço da disciplina, a Pré-História, cada vez mais atual e relevante. Gosden começa a sua precisa introdução ao tema com considerações sobre o que e quando é a Pré-História - discussão particularmente relevante para nós, os brasileiros. De fato, há quem, em nosso meio, recuse usar o termo Pré-História. *Eppur si muove*: e, no entanto, a Pré-História continua a existir. Gosden ressalta que as palavras escritas são apenas parte da experiência humana e que a Pré-História trata das experiências humanas fora da escrita.

Gosden mostra que muitos não aceitam a divisão, moderna, entre natureza e cultura, assim como nem todos vêm o mundo como composto de indivíduos soberanos. As florestas têm intenções e emoções, de maneira que a caça e a coleta não se resumem a uma tarefa técnica. Tudo é cultural. Entender a Pré-História é uma questão tanto empírica, como filosófica (sim!). Precisamos de escavações e prospecções para termos informações seguras sobre o passado, mas necessitamos, da mesma maneira, questionar como vivemos, pensamos e sentimos, de maneira a abrir nossa imaginação para outras maneiras de viver que percebem o mundo de modo diverso. Para exemplificar essas considerações, Gosden refere-se a uma pesquisa de Arqueologia Histórica, em sua aparente aporia. Em uma mostra de 33 casas que diziam nunca consumir cerveja, apenas 12, nunca descartaram latinhas de cerveja.

David Beckham serve para ilustrar que as habilidades e a inteligência humanas operam em grupo. Os chimpanzés nunca usam a cultura material para fundar suas relações sociais, enquanto os humanos raramente o fazem sem usar artefatos. Propõe que a humanidade multi-bilênar não se funda na língua, muito recente, mas no uso, compartilhado, de artefatos. A humanidade moderna, do *homo sapiens sapiens*, surgida há poucas dezenas de milhares de anos, baseia-se na combinação de habilidades físicas, do domínio comum do mundo material e do idioma, cerca de 40 mil anos atrás. Retoma a proposta de Bruce Trigger, de que o pensamento arqueológico alternou a ênfase na unidade, como no evolucionismo, ou na diferença e na diversidade, como no caso das últimas décadas. Propugna a comparação transcultural, mas pondera que como os idiomas são aparatos conceituais, diferentes povos vivem em mundos também diferentes.

Ao tratar da presença humana nos diversos continentes, defende uma colonização das Américas há cerca de 15 mil anos, tanto pela falta de dados empíricos para presenças anteriores, como pelo tardio surgimento do *homo sapiens sapiens* na África. Tampouco aceita que a expansão dos povos deveu-se ao início da agricultura, mas prefere enfatizar, com Ian Hodder que não foram as plantas domesticadas, mas a sociedade, por meio de novos simbolismos. Muitas inovações associadas à agricultura não se devem a qualquer utilidade, mas ao gosto, já que a alimentação é essencial na definição das identidades sociais. Em todos os casos, o que explica o comportamento humano diversificado não é a natureza, o determinismo geográfico ou ecológico, a Evolução, mas, ao contrário, é a cultura a determinar aquilo que diversos povos fizeram de si mesmos. Não há simples e complexos e, assim, os estudos sobre a "complexificação" fundam-se em vazios conceituais.

Talvez nada seja mais importante do que nossa identidade, como lembra Gosden, mas sua definição, antes que baseada na mente, está centrada nas habilidades do corpo, de modo que a inteligência humana resulta da combinação do humano e do material. A espécie humana é única por criar as relações sociais pela manipulação do mundo material. O estudo da Pré-História pode ajudar e entender essa fabricação mágica da sociedade pela relação com as coisas. Não há como desvencilhar sociedade e *societas rerum*, esse expressão paradoxal. Gosden termina seu livro com uma referência a Oscar Wilde, que havia dito que nosso dever para com a História consiste em reescrevê-la, ao afirmar que "temos uma crescente sensação de que a História nos está reescrevendo".

Este volume introdutório consistirá em leitura muito instrutiva, também para o público brasileiro. Em primeiro lugar, mostra o óbvio: a Pré-História existe. Disciplina internacional, com discussões epistemológicas antenadas com as reflexões antropológicas e filosóficas do pós-modernismo, não parou no cientificismo, nem deixou de existir. O termo "Arqueologia pré-colonial" não é citado no livro. Em seguida, mas não menos importante, Gosden mostra como a Pré-História não pode ser desvencilhada das discussões epistemológicas de nossos dias e que a diversidade constitui tanto um valor, como um meio de conhecer e respeitarmos a nós mesmos e aos outros. Diversos, não simples ou complexos. Por fim, sua leitura induz à crítica e à dúvida, antes que às certezas, convida ao trabalho de campo e à reflexão, por parte dos leitores. O que mais esperar de um livro?